

# Importação. A última arma antiinflação.

Embora alguns segmentos dentro do governo prefiram ainda apostar na eficácia dos choques heterodoxos, existe a possibilidade de ser adotado outro caminho para impedir a explosão inflacionária: uma ampla liberação das importações para os mais diversos setores. Economistas de dentro e de fora do governo, após uma análise da atual conjuntura de dificuldades, chegaram à conclusão de que essa é a arma que ainda resta para o combate à inflação, segundo se anunciou ontem no Palácio do Planalto. A decisão de liberar as importações, afirmou-se ali, será mesmo adotada, caso a política de controle de preços se mostre ineficaz para deter a corrida de preços.

Dizia-se ontem no Palácio do Planalto que o governo não vai permitir que a inflação atinja novamente os níveis de 15 a 20% ao mês, ficando de "braços cruzados". Diante de um forte descontrole de preços, há dois caminhos a seguir: ou se adota um novo choque, com o congelamento de preços e salários, ou se parte para os próprios mecanismos de mercado, no caso, uma ampla liberação das importações.

A idéia de choque encontra muitas resistências dentro do governo, por se considerar que a sua repetição reduz significativamente a sua eficácia. O choque, para surtir os efeitos de uma forma plena, tem de contar com o apoio da população, que lhe dá sustentação política. Atualmente, o governo identifica um grande ceticismo de todos os segmentos da sociedade — políticos, empresários, trabalhadores, donas de casa — com relação a um novo choque na economia.

Entretanto, é preciso controlar energeticamente a inflação, favorecida pela atual conjuntura econômica, segundo a análise feita ontem no Palácio do Planalto. A liberação de uma longa série de setores do controle do CIP (Conselho Interministerial de Preços) foi já uma tentativa do governo de tentar resolver o problema da alta de inflação, usando as leis de mercado, ou seja, liberando do controle os setores considerados mais competitivos, ou os segmentos mais competitivos dentro de alguns setores. O próximo passo, dentro desta mesma linha de tentar conter os preços mediante mecanismos de uma economia de mercado, estimulando a competitividade, é liberar importações. A liberação das importações seria feita gradativamente, à medida que o governo fosse identificando os setores que estão incorrendo em abusos na fixação dos seus preços.

De acordo com o que se concluiu ontem no Palácio do Planalto, a atual conjuntura política e econômica é de grande dificuldade. Há uma onda generalizada de atores em favor de uma desobediência. O controle de preços, nestas condições, é absolutamente ineficaz, porque as empresas começam a desrespeitar as decisões do governo, que não encontra ainda respaldo político para endurecer o jogo.